

FEBRE AFTOSA NO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 2000: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DOS AGRICULTORES PRODUTORES DE LEITE DE JÓIA

Tanice Andreatta¹

Lovois de Andrade Miguel²

RESUMO

Este trabalho analisa as transformações ocorridas nos sistemas de produção dos agricultores produtores de leite do Município de Jóia, que tiveram seus rebanhos sacrificados em decorrência da febre aftosa, em 2000. Como método, foram utilizados os fundamentos da Abordagem Sistêmica. Os dados para a composição, análise e comparação dos sistemas de produção foram coletados junto a 40 agricultores e contemplam informações agrônomicas e sócio-econômicas do período anterior e posterior à ocorrência da doença. Em nível de Sistema de Produção identificou-se, antes da ocorrência da febre aftosa, três sistemas de criação envolvendo animais para a produção de leite e derivados e, seis sistemas de produção que implementavam a produção de leite para fins comerciais, juntamente com o cultivo de grãos em pequena, média ou grande escala. Após ocorrência da febre aftosa, identificou-se mais uma vez, três sistemas de criação envolvendo animais leiteiros, cinco sistemas de produção que voltaram a reimplantar a produção de leite para comercialização e três sistemas de produção em que os agricultores não reimplantaram a pecuária de leite em suas respectivas unidades de produção. Passados mais de dois anos da ocorrência da febre aftosa em Jóia, em nível de rebanho bovino leiteiro, ocorreram, sistematicamente, a redução dos animais leiteiros e da produção anual em todos os sistemas. Um sistema de produção apresentou evolução positiva no efetivo de animais em lactação (SP6'), e um sistema registrou o aumento da produtividade (SP1'). Constatou-se ainda que na região estudada, apesar da reconhecida importância da pecuária leiteira, a mesma perdeu espaço para a cultura da soja.

Palavras-chaves

Sistemas de produção, febre-aftosa, Leite, Rio Grande do Sul.

¹Economista e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/PGDR – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: tanice.andreatta@ufrgs.br.

² Dr. em Agronomia, Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS. E-mail: lovois@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Em 23 de agosto de 2000, a notícia de bovinos contaminados com o vírus de febre aftosa no município de Jóia, representou a reintrodução da doença no estado do Rio Grande do Sul. A última ocorrência de animais infectados, no Rio Grande do Sul, foi verificada em Santa Rosa e Frederico Westphallen (região norte do estado), em dezembro de 1993 (Ministério da Agricultura e Abastecimento do Brasil, 2001).

No município de Jóia, o reaparecimento da doença ocorreu em uma região do composta por pequenas e/ou médias unidades de produção e a produção de leite se constituía numa atividade importante. Os procedimentos de “sacrifício sanitário” e “vazio sanitário”, adotados para a erradicação e contenção da doença, atingiram diretamente 543 famílias rurais do município, dentre as quais, mais de 300 famílias de agricultores dos Assentamentos de Reforma Agrária (Ministério da Agricultura e Abastecimento do Brasil, 2001).

Os agricultores da região atingida haviam ingressado na atividade leiteira ainda em fins de 1970, quando a crise das culturas típica de monocultura impôs sérias dificuldades aos pequenos e médios agricultores. Diante do perfil dos agricultores da região de Jóia, a produção de leite, por suas especificidades, passou a ser vista como a atividade capaz de viabilizar as pequenas e médias unidades de produção. Deste modo, ainda em 1976, várias cooperativas de comercialização fundaram a CCGL – Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Na condição de sócia-fundadora da CCGL, a COTRIJUÍ³ começou a atuar no setor de pecuária leiteira à medida que passou a incentivar a melhoria das pastagens, mecanização das atividades e introdução de animais de raça (Ruckert, 1985).

A produção de leite no Município se deu inicialmente de maneira simples e em baixa escala. Comumente eram ordenhadas em média três a cinco vacas, alimentadas basicamente a pasto e sem maiores preocupações sanitárias, seja com os animais ou instalações. O manejo e ordenha dos animais eram tarefas atribuídas basicamente as mulheres e filhos (as) menores; neste sentido as mulheres tornaram-se pioneiras na atividade leiteira no Município. Já os homens dedicavam-se basicamente à lavoura, para qual eram direcionados os investimentos (Andreatta, 2002).

Após sucessivos Planos Econômicos frustrados a economia brasileira da década de 90 foi marcada por uma série mudanças estruturais. “A abertura da economia e a queda de barreiras à importação transformaram a agricultura e o agronegócio em segmentos afastados

³ Cooperativa Triticola Serrana Ltda.

de qualquer política preferencial em uma situação muito diferente daquela do período de modernização compulsória da agricultura” (Belik, 2001, p. 05).

Na década de 90 houve também mudanças significativas na Cadeia Agroindustrial do Leite. Até 1991, o Estado intervinha sistematicamente nesta atividade tabelando o preço do leite fluído, tanto ao nível do consumidor como ao nível do produtor. A partir de então, o produto passou a ser transacionado direto com as indústrias sem a intermediação do Estado (Gehlen,1999).

As mudanças no setor leiteiro, entretanto, forçaram de certo modo a especialização e produção em escala de leite. Neste sentido, a atividade leiteira passou a receber mais atenção no interior da unidade de produção. A produção de leite, largamente implementada por pequenos e médios agricultores tradicionais da região, ganhou a adesão dos agricultores dos Assentamentos, instalados sistematicamente no Município, a partir de 1995 (Andreatta, 2002)

Em decorrência da febre aftosa 11.086 animais, entre eles 7.858 bovinos, basicamente destinados à produção de leite foram eliminados no município de Jóia, impondo uma série de dificuldades a estes agricultores (Ministério da Agricultura e Abastecimento do Brasil, 2001). Neste sentido, este estudo consiste numa avaliação das conseqüências da febre aftosa sobre os principais indicadores referente à atividade leiteira, dos sistemas de produção implementados pelos agricultores do Município de Jóia, que tiveram os respectivos rebanhos sacrificados em decorrência da doença, em 2000.

MÉTODO

Neste trabalho adotou-se um procedimento fundamentado na abordagem sistêmica. No que se refere ao rural, a abordagem sistêmica vem sendo amplamente utilizada, tornando-se um instrumental importante para dar conta da crescente complexidade de sistemas organizados pelo homem (Pinheiro, 2000).

Em trabalhos baseados nos conceitos da abordagem sistêmica, uma característica intrínseca é a utilização da amostragem dirigida e não-estratificada (INCRA/FAO, 1999). Este procedimento é adotado porque o objetivo primordial do método é captar a diversidade existente na região da pesquisa, seja de produtores ou sistemas de produção.

Para a composição da pré-tipologia dos sistemas de produção, foram selecionados estabelecimentos rurais que explicitem a diversidade e permitam englobar produtores ou sistemas de produção que sejam pouco representativos do ponto de vista estatístico. A população passível de análise, neste trabalho, consiste no conjunto de agricultores que

estavam envolvidos na produção de leiteira para fins comerciais, quando seus rebanhos foram sacrificados em decorrência da febre aftosa. Para calcular os indicadores agrônômicos e sócio-econômicos, foram aplicados quarenta (40) questionários, nos meses de abril/maio e outubro/novembro de 2002, contendo questões quantitativas (fechadas) e qualitativas (abertas) reunindo questões referentes aos sistemas de cultivos e criação e do envolvimento da família com a atividade leiteira, antes da e após a ocorrência da febre aftosa. Os dados quantitativos coletados a campo e devidamente sistematizados originaram uma tipologia composta de seis sistemas de produção envolvendo a atividade leiteira anterior à febre aftosa (SP1, SP2, SP3, SP4, SP5, SP6); e uma tipologia atual (pós-febre aftosa) de agricultores composta de cinco sistemas com presença da atividade leiteira (SP1', SP3', SP4', SP5', SP6') e três sistemas de produção que atualmente não mais contemplam a produção leiteira em seu sistema produtivo (SP7, SP8, SP9).

A partir dos resultados processados, procurou-se destacar as relações estabelecidas, bem como, as possíveis modificações observadas nos indicadores da atividade leiteira abaixo relacionados, nos respectivos sistemas de produção.

PBleite: Produto bruto do leite: quantifica a participação do produto bruto derivado da atividade leiteira no produto bruto total, em Reais (R\$);

REBL LeiteTotal: Rebanho leiteiro total : quantifica o efetivo de vacas prenhes, secas, novilhas, terneiras na unidade de produção, (cabeças);

REBLactação: Animais ordenhados: quantifica o número médio de animais ordenhados na unidade de produção (cabeças);

PROD.COM: Produção de leite comercializada: quantifica a produção média de leite comercializada anualmente (lts/ano);

PROD/VACA: Produtividade média diária: quantifica a produtividade média de leite diária por vaca ordenhada (litros/leite/vaca/dia);

APRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO ANTERIOR E POSTERIOR À FEBRE AFTOSA

A partir de pré-tipologia, identificou-se, inicialmente, seis sistemas de produção envolvidos diretamente com a produção e comercialização de leite e derivados. Após a ocorrência da febre aftosa, as diferentes estratégias individuais adotadas pelos agricultores implicaram em mudanças endógenas nas unidades de produção pesquisadas.

A supressão da atividade leiteira após a febre aftosa, por agricultores que compunham três sistemas de produção, provocou desdobramentos nos respectivos sistemas.

Por conseguinte, após a febre aftosa verificaram-se cinco sistemas envolvidos diretamente com a produção de leite e três sistemas que não voltaram a desenvolver a atividade, em suas respectivas unidades de produção (Figura 1).

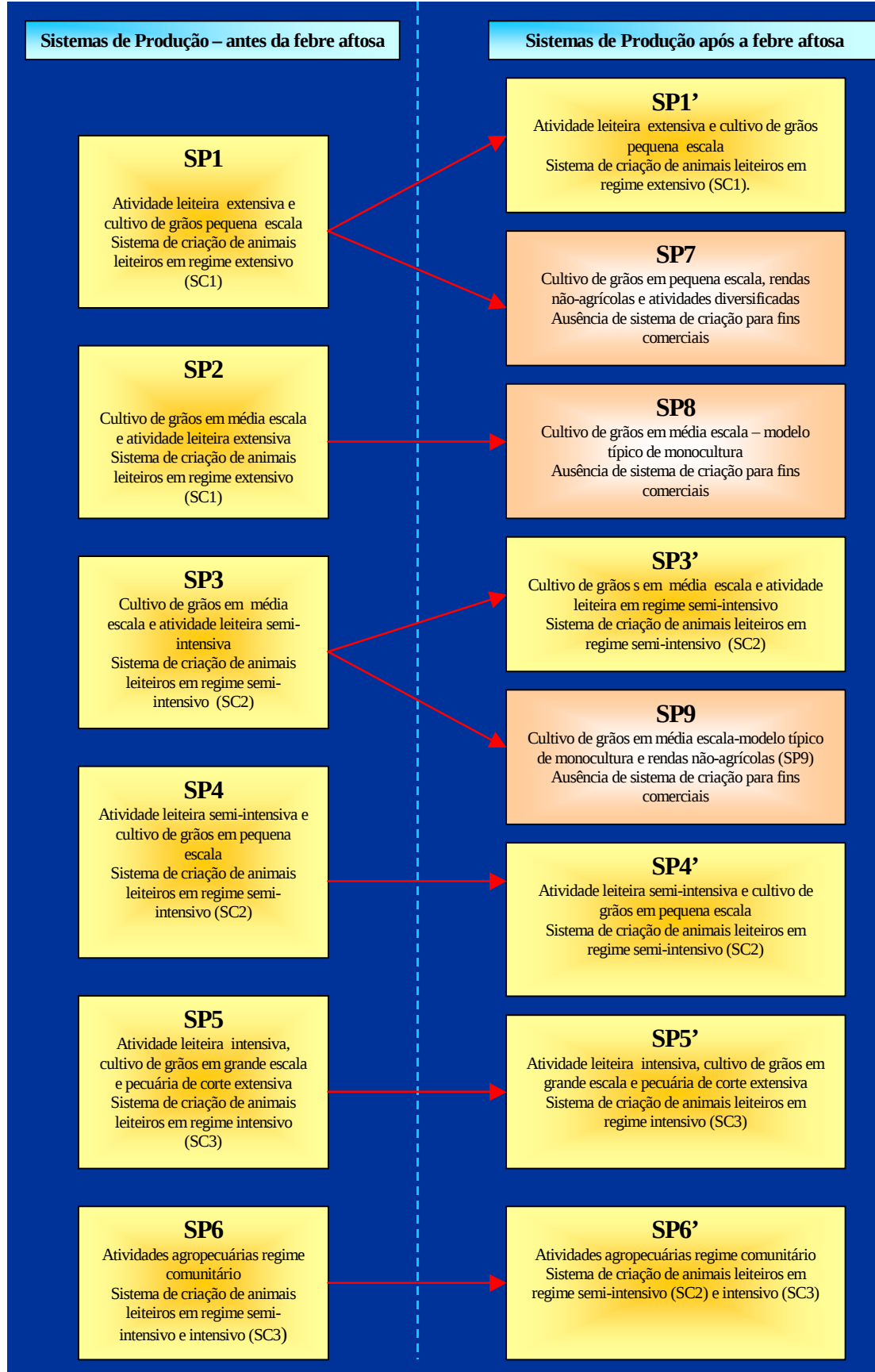


Figura 1. Evolução e desdobramentos dos sistemas de produção implementados pelos agricultores produtores de leite Jóia/RS. Anterior e posterior à febre aftosa

Fonte: Pesquisa de Campo abril/maio e outubro/novembro de 2002.

Sistema de Produção baseado na atividade leiteira extensiva e cultivo de grãos em pequena escala (SP1) – período anterior à ocorrência da febre aftosa

O Sistema de Produção baseado na atividade de leiteira extensiva e grãos em pequena escala (SP1) era composto por unidades de produção de pequeno porte, com superfície de área entre 4 e 25 hectares. A superfície agrícola útil (SAU) disponibilizada para o agricultor exercer as atividades produtivas variava entre 4 e 25 hectares.

Neste sistema de produção, o rebanho leiteiro antes da febre aftosa, variava entre 5 e 20 cabeças; destes, eram ordenhados diariamente, entre 3 e 10 animais e a produção anual comercializada variava entre 6.000 e 25.000 litros de leite. Embora alguns produtores comercializassem leite “in natura” ou derivados diretamente com o consumidor, a comercialização se dava hegemonicamente via indústria processadora.

Embora em pequena escala (até 19 ha), a soja era plantada e colhida mecanicamente; o plantio se dava basicamente pelo sistema de plantio direto, uma prática muito comum na região. Neste sentido, em virtude do elevado capital fixo que envolve a atividade, as operações desenvolvidas, desde o preparo da terra à colheita, eram terceirizadas em praticamente em todas as UPAs .

Neste sistema, o número de residentes na unidade de produção (UPA) variava entre 2 e 5 indivíduos e o número de UTHs variava entre 1 e 3 unidades. A mão-de-obra era hegemonicamente do tipo “familiar”. Constatou-se também a ocorrência de rendas não-agrícolas, principalmente na forma de benefícios da Previdência Social (aposentadorias). Em alguns casos as rendas não agrícolas eram responsáveis por mais da metade da renda total da unidade de produção.

Entretanto, o sistema de produção baseado na atividade leiteira extensiva e cultivo de grãos em pequena escala (SP1), com a ocorrência da febre aftosa, sofreu mudanças e desdobramentos. Deste modo, após a ocorrência da doença, parte dos agricultores voltou a desenvolver a pecuária leiteira em suas respectivas unidades de produção e, implementam um sistema muito semelhante ao que desenvolviam no período anterior à doença (SP1’). Todavia, o sistema de produção baseado na atividade leiteira extensiva e grãos em pequena escala pós-febre aftosa (SP1’) sofreu algumas modificações, se comparado com o período anterior à doença, entre elas, destaca-se a redução da margem inferior e superior do efetivo do rebanho leiteiro (2 a 10 cabeças) e animais em lactação (2 a 10 cabeças); entretanto a produtividade/vaca/dia melhorou consideravelmente (5 a 16 litros/dia).

Por conseguinte, parte dos agricultores optou pelo não retorno à pecuária leiteira para fins comerciais. Estes passaram a implementar um sistema de produção baseado no cultivo de grãos em pequena escala, rendas não-agrícolas e atividades diversificadas (SP7).

Sistema de produção baseado na atividade leiteira extensiva e cultivo de grãos em média escala (SP2) – período anterior à ocorrência da febre aftosa

O sistema de produção baseado na atividade leiteira extensiva e cultivo de grãos em média escala era composto por unidades de produção de médio porte com superfície de área que varia entre 30 e 80 hectares; a superfície agrícola útil (SAU), disponível variava, entre 25 e 75 hectares e, agricultores deste sistema, freqüentemente, recorrem aos arrendamentos como forma de aumentar a superfície de área explorada. No período de verão predominava o cultivo da soja e a área ocupada antes da febre aftosa variava entre 25 e 65 ha. Apesar de desenvolverem a atividade leiteira, a oleaginosa era a atividade de maior participação no produto bruto total da unidade de produção.

Antes da febre aftosa, até 5 hectares eram cultivados com milho; até 7 hectares eram constituídos de pastagem nativa, normalmente localizada em áreas impróprias para a atividade agrícola. Normalmente neste sistema, antes da febre aftosa, eram ordenhados diariamente entre 4 e 10 animais e a produção anual média variava entre 18.000 e 32.000 litros de leite. A produção era hegemonicamente comercializada com a indústria processadora, exceto a cota diária consumida na unidade de produção (1 a 2 litros).

O número de residentes na unidade de produção (UPA) variava entre 2 e 6 indivíduos e o número de UTHs variava entre 1 e 4. Também neste sistema, a mão-de-obra era basicamente familiar e as mulheres tinham participação importante na execução das atividades ligadas à produção leiteira. Neste sistema, entre as unidades de produção pesquisadas, não foi observada a presença de pessoas beneficiárias a Previdência Social.

Entretanto, o sistema de produção baseado no cultivo de grãos em média escala e atividade leiteira extensiva (SP2), assim como os demais, foi impactado pela ocorrência da febre aftosa. Estes agricultores, após a febre aftosa, não retornaram a desenvolver atividade leiteira ou outras atividades diversificadas em escala comercial. Atualmente, implementam um sistema de produção semelhante ao modelo de agricultura praticado na região na década de 70, ou seja estão cultivando basicamente soja no verão e trigo no inverno (SP8).

Sistema de produção baseado da atividade leiteira semi-intensiva e produção de grãos em média escala (SP3) – período anterior à febre aftosa

O sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e grãos em média escala (SP3) assemelha-se muito ao sistema de produção (SP2), principalmente, se for considerado o tamanho das unidades de produção e o sistema de cultivo. A principal diferenciação entre ambos é o sistema de criação de animais leiteiros, que neste sistema de produção é consideravelmente mais especializado.

Neste sentido, este sistema, antes da ocorrência da febre aftosa, era composto por unidades de produção de médio porte e a superfície de área variava entre 45 e 80 hectares. A superfície agrícola útil (SAU), disponível para o agricultor exercer as atividades produtivas variava entre 40 e 75 hectares; neste sistema também era expressiva a ocorrência de áreas arrendadas. Na distribuição da superfície agrícola útil até 5 hectares eram cultivados com milho, basicamente destinado à silagem e ração para os animais leiteiros. Até 7 hectares eram ocupados com pastagem nativa.

Neste sistema de produção, os agricultores implementavam em suas respectivas unidades de produção o sistema de criação semi-intensivo. Antes da ocorrência da febre aftosa, o rebanho leiteiro e o número de animais em lactação apresentavam respectivamente variações entre 20 e 50 e 10 e 25 animais; a produção média comercializada variava entre 40.000 e 110.000 litros de leite ao ano. Em função de um regime alimentar balanceado, dos cuidados com a sanidade dos animais mais intensiva e do rebanho leiteiro geneticamente superior, se comparado com os sistemas anteriores, a produtividade/vaca/dia variava entre 10 e 30 litros.

Antes da febre aftosa, neste sistema, o número de residentes na unidade de produção (UPA) variava entre 2 e 6 indivíduos e o número de UTHf variava entre 2 e 4,5 unidades. A mão-de-obra é predominantemente familiar, entretanto, ocorre a presença da mão-de-obra contratada. Neste sistema, entre as UPAs pesquisadas, com frequência observou-se a presença de pessoas beneficiárias da Previdência Social ou que exercem atividades não-agrícolas.

Após a ocorrência da febre aftosa, neste sistema de produção, os agricultores adotaram duas estratégias de reprodução diferenciadas, ou seja, parte deles optou, juntamente com a produção de grãos, pelo retorno à atividade leiteira (SP3'). Parte deles apostaram no cultivo da soja e trigo e estão num modelo de agricultura muito próximo ao praticado na década de 70. Por conseguinte, estes últimos passaram a implementar um sistema de cultivo muito semelhante ao adotado pelos agricultores enquadrados no SP8 (sistema de produção

baseado no cultivo de grãos em média escala–modelo típico de monocultura), já apresentado anteriormente.

Neste sentido, no sistema que voltou a desenvolver a atividade leiteira (SP3') a margem inferior e superior do efetivo do rebanho leiteiro (15 a 25 animais) e animais em lactação (5 a 15) reduziu-se consideravelmente. O mesmo comportamento foi observado em relação a produção anual comercializada (15.000 a 42.000 lts) e produtividade/litros/vaca/dia (5 a 15). Conforme informações dos agricultores, os cuidados sanitários bem como o regime alimentar não sofreram alterações sensíveis, entretanto houve redução significativa da produção comercializada da produtividade/vaca/dia.

Sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e cultivo de grãos em pequena escala (SP4) – Período anterior à ocorrência da febre aftosa

O sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e grãos em pequena escala (SP4), antes da febre aftosa, era composto por unidades de produção com superfície de área que variavam entre 15 e 30 hectares; a margem de variação de superfície agrícola útil (SAU) oscilava entre 14 e 29 hectares; eventualmente, observava-se a ocorrência de áreas arrendadas ou em sociedade, quase sempre esta transação efetuada entre pais e filhos, de modo informal. A distribuição da superfície agrícola útil se dá de acordo com as atividades desenvolvidas. Neste sentido, entre 0,5 e 3 hectares são cultivados com milho, destinado à silagem e ração para os animais leiteiros. Até 5 hectares da unidade de produção era ocupada com áreas pastagem de nativa.

Os agricultores implementavam, em suas respectivas unidades de produção, o sistema de criação semi-intensivo. Neste sistema, o rebanho leiteiro e o número de animais em lactação variavam entre 10 e 30 animais e 5 e 15 animais, respectivamente. A produção comercializada variava entre 18.000 e 75.000 litros de leite ao ano e a produtividade/vaca/dia varia entre 8 e 16 litros.

O número de pessoas residentes na unidade de produção (UPA) variava entre 3 a 7 indivíduos e o número de UTHs variava entre 1,5 e 3. Também neste sistema, a mão-de-obra era, hegemonicamente familiar e as mulheres tinham participação importante na execução das atividades, principalmente quando se tratava do cuidado de pequenos animais, horta e produção de leite.

O sistema de produção baseado atividade leiteira semi-intensiva e cultivo grãos em pequena escala (SP4) era implementado hegemonicamente por agricultores da Região da

Colônia, embora fosse encontrado também nos assentamentos. Este sistema de produção, assim como os demais, após a febre aftosa, sofreu algumas mudanças. Entretanto, voltou a ser implementado pela totalidade das unidades de produção relacionadas na pesquisa de campo. Neste sentido, o repovoamento efetivo se deu após maio de 2001, quando todo o rebanho bovino gaúcho voltou a ser vacinado.

Embora os agricultores tenham voltado a implementar um sistema de produção semelhante ao anterior à ocorrência da doença, seja quanto à produção de grãos seja quanto ao manejo dos animais, as margens de variação inferior e superior do efetivo de animais leiteiros (10 a 20 cabeças) e animais em lactação (5 e 15 cabeças) ainda estão aquém ao do período anterior à febre aftosa, conseqüentemente ocorreu também a redução da produção anual (14.500 a 65.000 litros).

De acordo com informações dos agricultores, os cuidados sanitários, bem como o sistema alimentar, são bastante semelhantes ao tratamento dispensado aos animais do período anterior à ocorrência da febre aftosa. O mesmo comportamento tem sido observado quanto à produtividade/vaca/dia (6 a 15 litros) do rebanho atual, que está muito próxima da produtividade dos animais sacrificados (8 a 16 litros).

Sistema de produção baseado na atividade leiteira intensiva, cultivo de grãos em grande escala e pecuária extensiva (SP5). Período anterior à ocorrência da febre aftosa

Este sistema de produção, se comparado com os demais, possui algumas especificidades que precisam ser consideradas. Entre elas figuram o tamanho da superfície de área das unidades de produção, a presença de pecuária de corte e a atividade leiteira em regime intensivo.

Neste sentido, o sistema de produção baseado na atividade leiteira intensiva, cultivo de grãos em grande escala e pecuária de corte extensiva (SP5) era composto, antes da febre aftosa, por unidades de produção de grande porte. A superfície de área total das unidades de produção variavam entre 100 e 250 hectares e registra-se a presença freqüente de áreas arrendadas (até 90 hectares). A superfície agrícola útil, variava entre 95 e 200 hectares. Durante o período de inverno, antes da ocorrência da febre aftosa, o trigo era cultivado para a comercialização (até 70 ha), mas predominava o cultivo de forrageiras, para a alimentação dos animais de corte e de leite. As áreas de pastagem nativa (até 70 hectares), consideravelmente maior que os sistemas anteriores, era destinada pecuária de corte, bem como ao efetivo do rebanho leiteiro (30 a 95 animais). As áreas de pastagem cultivada, compostas basicamente

por grama tifton e brachiária (até 10 ha), eram exploradas pelo sistema rotativo de pastoreio e destinadas ao pastoreio dos animais leiteiros, basicamente.

Neste sistema, os produtores implementavam em suas respectivas unidades de produção, antes da ocorrência febre aftosa, a atividade leiteira em regime intensivo e o efetivo de animais leiteiros e em lactação variava entre 30 e 95 e 10 e 35 animais respectivamente. O volume de produção anual média comercializada, variava entre 90.000 e 200.000 litros de leite e produtividade/vaca/dia de 15 e 25 litros de leite. A produtividade era consideravelmente alta se comparada com os demais sistemas, a mesma era obtida a partir da combinação de padrão genético, alimentação adequada e, cuidados com a sanidade dos animais leiteiros. Diferentemente dos demais sistemas, estes agricultores, também exerciam atividades ligadas à pecuária de corte em regime extensivo. A comercialização variava entre 10.000 a 30.000 kg de boi anualmente.

Nas unidades de produção deste sistema, observava-se ainda o aprimoramento das instalações e equipamentos (salas de alimentação e ordenha, resfriador a granel, etc.). Como atendiam ou estavam muito próximos de atender as exigências da nova legislação para o setor leiteiro e efetivavam a produção em escala, estes agricultores eram o público-alvo da indústria processadora.

O número de pessoas que residiam na unidade de produção (UPA) variava entre dois (2) e seis (6) indivíduos, já o número de UTHs variava entre 3 e 5 unidades. Neste sistema, a mão-de-obra era mista entre a familiar e contratada (1 a 2 UTHs), seja nas atividades da lavoura ou nas demais atividades. Neste sistema, entre as UPAs pesquisadas, com frequência, observou-se a presença de pessoas que desenvolvem atividades não-agrícolas e, em menor quantidade, beneficiárias da Previdência Social (aposentadorias).

O sistema de produção baseado na atividade leiteira intensiva, cultivo de grãos em grande escala e pecuária de corte extensiva (SP5'), voltou a ser implementado com algumas modificações. Este sistema apresentou um comportamento muito semelhante aos demais, que após a febre aftosa voltaram a desenvolver a atividade leiteira. Deste modo, de acordo com informações dos agricultores que enquadram neste sistema de produção, constatou-se que, de um modo geral, houve uma redução média no efetivo de animais leiteiros e em lactação, redução dos índices de produção e produtividade de leite.

Entretanto, passados mais de dois anos (outubro/2002) da ocorrência da doença, em algumas unidades de produção, recentemente a pecuária de corte voltou a ser implementada e ainda encontra-se em estágio inicial, ou seja, o número de matrizes é bastante inferior ao

período anterior à aftosa e a comercialização de animais é insipiente (2000 a 5.000 kg/boi/ano), se comparado com o estágio anterior à ocorrência da doença.

Sistema de produção baseado em atividades agropecuárias em regime comunitário (SP6). Antes da ocorrência da febre aftosa

Este sistema de produção possui, em sua essência, uma lógica de gestão e execução das atividades agropecuárias diferenciada. Diferentemente dos demais, a gestão, planejamento e execução das atividades agropecuárias são desenvolvidas de forma comunitária e organizada em grupos, que varia entre 3 a 10 famílias. A composição dos grupos ocorre por laços de parentesco, localidades de origem ou ainda, por localização geográfica dos lotes de área. Se nos sistemas apresentados anteriormente ocorria, eventualmente, uma associação parcial (principalmente de máquinas e equipamentos), neste sistema de produção o grau de associação é total, inclusive a exploração das terras.

Deste modo, cada família possui, para exploração individual, um terreno onde estão dispostas as residências e, que comporta o plantio de um pequeno pomar e horta. As demais atividades, sejam de cunho comercial ou de consumo das famílias são executadas em grupo e a infraestrutura seja de instalações, máquinas e equipamentos é centralizada e única.

Se for tomado como parâmetro as unidades de produção de forma individual, a superfície de área destinada a cada família não ultrapassa a 17 hectares, mas como a exploração da terra se dá de forma comunitária, a superfície total de cada grupo varia entre 40 e 190 hectares; a superfície agrícola útil, disponibilizada para cada grupo, varia entre 35 e 180 hectares.

A distribuição da superfície agrícola se dá de acordo com as atividades exercidas por cada grupo de famílias. Neste sentido, antes da febre aftosa, entre 20 a 40 hectares eram cultivados anualmente com a soja; com exceção da colheita da soja que é terceirizada, os demais procedimentos referentes à cultura, são feitos com máquinas e equipamentos próprios. Até 50 hectares eram ocupados com pastagem nativa. Antes da ocorrência da doença, até 40 hectares, eram ocupados com pastagem cultivada, principalmente com grama tifton e/ou brachiária, ambas bem adaptadas ao clima e solos da região. Em alguns grupos o feijão também era cultivado para fins comerciais (até 10 ha).

Neste sistema, os produtores implementavam, em seus respectivos grupos a produção de leite em regime semi-intensivo e intensivo. Neste sentido, antes da ocorrência da febre aftosa, o efetivo de animais leiteiros e em lactação variavam, entre 25 e 125 e 10 e 40

animais, respectivamente. O volume de produção anual comercializada, variava entre 70.000 e 140.000 litros de leite e produtividade/vaca/dia variava de 10 a 20 litros de leite.

Como neste sistema as atividades são desenvolvidas em grau de associação total, nos grupos compostos por um número maior de famílias, a mão-de-obra é distribuída por atividades e, ainda é organizada em escalas de trabalho para não sobrecarregar/beneficiar/ ou prejudicar um determinado trabalhador. O número de UTHs, antes da febre aftosa, variava entre 6 e 18 unidades, dependendo do tamanho do grupo e das atividades desenvolvidas.

Para este sistema assim como para os demais, a febre aftosa redundou em dificuldades e uma série de implicações. Entretanto, após a liberação da área atingida pela febre aftosa para o repovoamento, os grupos que compõem este sistema de produção já estavam organizados e retomaram a produção de leite, evidentemente com algumas modificações.

Tomando como parâmetro a superfície agrícola útil e a distribuição das atividades, de um modo geral, este sistema não apresentou alterações sensíveis após a febre aftosa. A atividade leiteira foi retomada imediatamente após o fim do período de emergência e vazio sanitário. Embora ocorram variações nos índices do efetivo de animais, produção e produtividade, a produção de leite está se recuperando gradativamente.

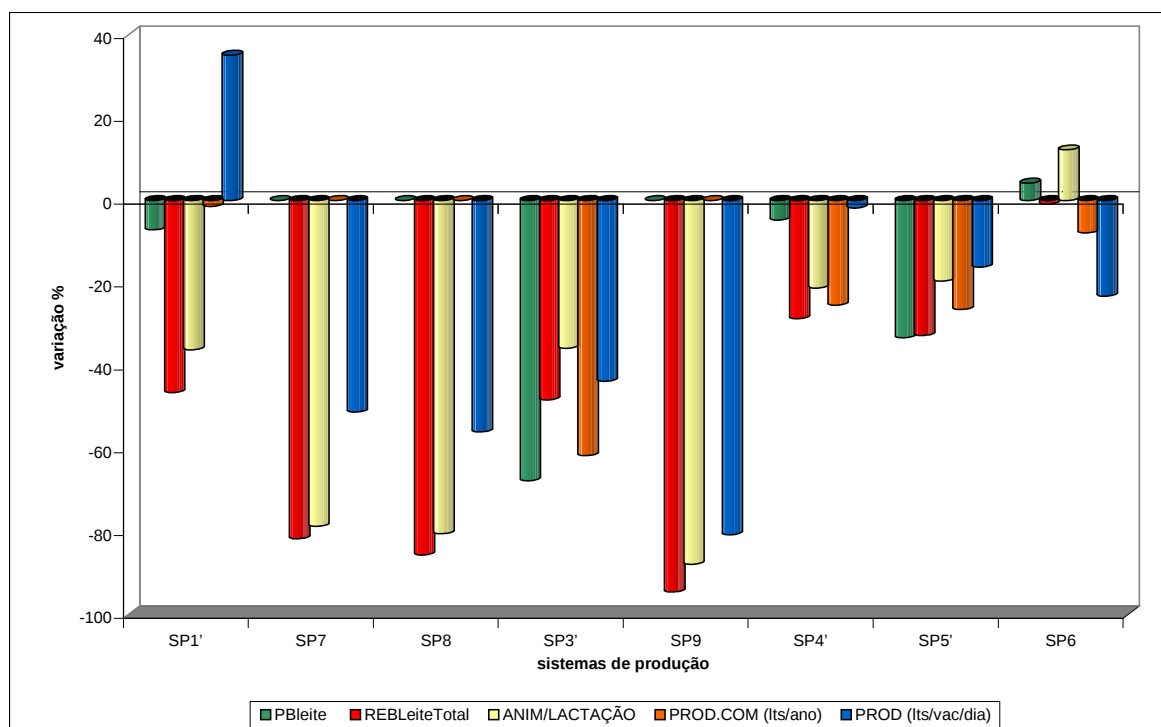
Atualmente este sistema apresenta variações do efetivo do rebanho leiteiro entre 10 e 100 cabeças e dos animais em lactação entre 10 e 40 animais, respectivamente. Já na produção anual comercializada ocorre uma variação entre 25.000 e 145.000 e a produtividade/vaca/dia, o intervalo de variação oscila entre 5 e 10 litros de leite. Embora os agricultores de alguns grupos considerem que rebanho leiteiro constituído após a febre aftosa seja geneticamente inferior, a queda da produtividade também está relacionada à estratégia de determinados grupos em produzir de modo mais natural. Neste sentido, os animais recebem alimentação básica produzida na unidade de produção. O uso de complementos minerais, ração concentrada e remédios que incluam produtos químicos têm sido evitados; para a limpeza das instalações e sanidade dos animais, os agricultores adotaram a utilização de ervas terapêuticas, produzidas nos próprios assentamentos.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Em nível de sistema de produção, entre as unidades de produção consideradas para a pesquisa, antes da ocorrência da febre aftosa, constatou-se a existência de seis sistemas envolvidos com a produção de leite e derivados em escala comercial. Após a ocorrência da doença, identificou-se a presença de cinco sistemas de produção com presença de produção de leite e derivado em escala comercial e três sistemas que não efetivaram a reimplantação da atividade. Entretanto, o retorno ou o abandono da produção de leite em escala comercial é dotado de uma racionalidade e também é reflexo das estratégias individuais de cada unidade de produção. Entretanto, agrupados, estes agricultores expressam, o perfil de cada sistema de produção.

Neste sentido, entre os fatores que influenciaram os agricultores do sistema de produção baseado na atividade leiteira extensiva cultivo de grãos em pequena escala (SP1') a retornar à produção de leite em escala comercial, foi a necessidade de uma renda mensal efetiva que, funciona como uma espécie de garantia ou seguro para a família rural. Embora este sistema tenha apresentado, de um modo geral, decréscimo do rebanho leiteiro total e em lactação, a produtividade dos animais leiteiros é superior (35,09%), evidenciando o ganho de padrão genético do rebanho constituído após a ocorrência da febre aftosa (figura 2). Cabe salientar que este sistema é predominante na região de estudo.

Figura 2. Variação percentual média dos indicadores relacionados à atividade leiteira dos sistemas de produção dos agricultores produtores de leite de Jóia, em decorrência da febre aftosa.



Fonte: Pesquisa de Campo. Períodos de abril/maio e outubro/novembro de 2002.

Já os agricultores do atual sistema de produção baseado em cultivo de grãos em pequena escala, rendas não agrícolas e atividades diversificadas (SP7) originado do desdobramento do SP1 optaram, após a febre aftosa pelo não-retorno à atividade leiteira. Neste sistema, a participação significativa de rendas não-agrícolas, basicamente na forma de aposentadorias é, por si só, uma fonte efetiva e segura de renda mensal. Agricultores deste sistema centram em dois fatores o não-retorno à atividade leiteira, ou seja, na idade avançada e a falta de mão-de-obra para desenvolver a atividade, já que ocorreu uma evasão significativa dos filhos em direção a atividades fora da unidade de produção ou ainda, para dedicarem-se aos estudos. Como a atividade é demandante de uma mão-de-obra intensiva e também é caracterizada por apresentar, muitas vezes, uma evolução lenta e gradativa, os agricultores desistiram de reimplantar a atividade em suas respectivas unidades de produção.

No sistema de produção baseado no cultivo de grãos em média escala e típico de monocultura (SP8), derivado do sistema de produção baseado no cultivo de grãos em média escala e atividade leiteira extensiva (SP2), os agricultores deste sistema adotaram como estratégia a intensificação dos sistemas de cultivo (soja, trigo e eventualmente forrageiras), em detrimento dos sistemas de criação. Embora cientes da importância estratégica da atividade leiteira e não possuindo uma renda fixa mensal, os agricultores apresentam como

fator principal da desistência da atividade a necessidade de investimentos, principalmente em infra-estrutura para adequarem-se as novas exigências do Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (Portaria 56). Consideravelmente capitalizados, estes agricultores concentraram os recursos das indenizações em intensificação principalmente no cultivo da soja no verão e trigo e forrageiras, todas para a comercialização.

Em linhas gerais, o sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e cultivo de grãos em média escala (SP3) apresentou um comportamento semelhante ao SP1. Em função das estratégias, ocorreu o desdobramento deste sistema. Neste sentido, os agricultores que possuem fonte de recursos oriundos de rendas não-agrícolas efetivos optaram pelo não-retorno à atividade leiteira e ingressaram num modo de produção muito semelhante a dos agricultores do SP7, ou seja intensificaram o sistema de cultivo. Neste sistema entretanto, ocorreu uma evasão significativa de recursos em direção ao saldo de débitos junto ao comércio local e cooperativas, financiamentos bancários e outros investimentos fora da unidade de produção.

Já uma parte dos agricultores anteriormente pertencentes ao sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e grãos em média escala voltaram a implementar a produção de leite para comercialização (SP3'). Estes agricultores estão operando em patamares consideravelmente abaixo do período anterior à febre aftosa. O rebanho atual é inferior seja no efetivo, seja em produtividade ou ainda, em sanidade. Agricultores deste sistema enfrentaram muitas dificuldades no repovoamento da unidade de produção. Os custos para aquisição do rebanho foram elevados em função da aquisição de animais de raças puras, entretanto, estes animais, oriundos de outras regiões do estado, apresentaram problemas de adaptação, doenças e zoonoses. Neste sentido, a produção e produtividade leiteira estão muito aquém das expectativas e os custos de manutenção destes animais têm sido elevado (figura 2).

Os agricultores que desenvolviam, antes da ocorrência da febre aftosa, o sistema de produção baseado na atividade leiteira semi-intensiva e cultivo de grãos em pequena escala (SP4) logo após a liberação das unidades de produção voltaram a desenvolver a atividade leiteira, entretanto, o repovoamento efetivo se deu a partir de maio de 2001, quando todo o rebanho bovino gaúcho voltou a ser vacinado. Com unidades de produção de pequeno porte, estes agricultores são bastante dependentes da atividade leiteira. Com poucos equipamentos adequados para o cultivo da soja, a atividade que por natureza possui custos altos, se torna mais onerosa em função de que os agricultores precisam terceirizar principalmente os procedimentos de plantio e a colheita.

Se considerado com os demais sistemas, o sistema baseado no cultivo de grãos em grande escala, atividade leiteira intensiva e pecuária de corte extensiva (SP5) é o sistema que agrega unidades de produção com maior superfície de área, máquinas e equipamentos mais modernos, entretanto, é o que agrega o menor número de unidades de produção. O montante de investimentos imobilizado na produção de leite foi o fator preponderante no retorno à atividade. Entretanto os resultados dos indicadores da atividade leiteira estão bastante aquém do período anterior à ocorrência da doença. Outro elemento importante a considerar é a relutância dos agricultores ao retorno da pecuária de corte. Em fase de reimplantação, a atividade tem registrado uma contribuição ínfima no produto bruto total das unidades de produção atualmente.

Com estrutura diferenciada dos demais, o sistema de produção baseado em atividades agropecuárias em regime comunitário, entre os sistemas que reimplentaram a atividade leiteira, foi o que obteve variação positiva nos indicadores de renda, após a ocorrência da febre aftosa. Quanto aos indicadores do sistema de criação, o aumento do efetivo dos animais em lactação não foi o suficiente para alcançar o volume anual médio de leite comercializado antes da febre aftosa (-7,86%). A redução expressiva da produtividade/litro/vaca/dia (23,06%), foi atribuída pelos agricultores, principalmente ao novo sistema de alimentação e controle de sanidade dos animais, que restringe ao máximo o uso de ração concentrada, remédios e vitaminas que contenham elementos químicos em sua composição básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção leiteira, atividade importante, quando não principal em virtude das especificidades da atividade e da região considerada, foi fortemente impactada em decorrência da febre aftosa. De um modo geral, os agricultores não reclamam dos valores das indenizações pagas pelo Governo Federal e Estadual, mas sim da perda de um rebanho muito bem adaptado a região, instalações/procedimentos e de um padrão genético razoável.

Um ressentimento presente, além é claro, da relação afetiva dos agricultores em relação aos animais, é a perda de um valor não quantificável que estava incorporada no rebanho sacrificado. Em síntese, os plantéis de animais levados ao sacrifício sintetizavam, em muitos casos, esforços de mais de uma dezena de anos de dedicação à atividade e que deveria

apresentar resultados no médio/longo prazo. Buscando a produção de qualidade e em escala, em função da Portaria 56 e suas implicações, os agricultores estavam tentando intensificar a produção leiteira. Porém, em virtude de recursos escassos para investimentos, adotavam uma estratégia de médio-longo prazo, ou seja, vinham utilizando mais sistematicamente o uso de inseminação artificial como forma de melhorar o padrão genético dos animais. Assim, a ocorrência da febre aftosa tolheu as expectativas dos agricultores concentradas nas terneiras, novilhas e vacas prenhes que traziam consigo uma “promessa” de melhor produção e produtividade leiteira nos próximos anos.

De um modo geral, dois fatores tem influenciado na decisão dos agricultores em não reimplantar a atividade leiteira. O primeiro está ligado às normas da Política de Qualidade do Leite, expressos na Portaria 56, que exige instalações e padrão de sanidade dos animais qualificada, e que portanto demandaria uma reestruturação das unidades de produção para o exercício da atividade. O segundo fator é preço atraente pago aos agricultores produtores da soja no mercado doméstico. As sucessivas desvalorizações da moeda brasileira (real) frente ao dólar o preço da oleaginosa tem se mostrado o atrativo nas últimas duas safras, ainda que os custos de produção também devem ter acompanhado esta tendência altista. Este fator, aliado às condições climáticas das últimas safras de verão, influenciou os agricultores a investir boa parte dos recursos das indenizações na lavoura de soja e a reimplantar o cultivo sistemático da oleaginosa em unidades de produção atingidas pelos focos da aftosa, ainda que sejam de pequeno/médio porte.

Entretanto, é preciso reconhecer os riscos que incorrem os agricultores dos sistemas que dependem diretamente da renda agrícola derivada destas culturas. O primeiro fator de risco a considerar é a possibilidade de frustrações de safras, pois, culturas anuais de ciclo longo são muito susceptíveis as variações climáticas. O segundo tem uma correlação direta com os preços da produção e dos insumos. Como ambos, em parte, são dependentes e sensíveis às variações do câmbio, qualquer alteração dos mesmos repercute diretamente nos custos e receitas derivadas destas culturas.

A produção de suínos e bovinos de corte, ainda que representassem atividades marginais na composição da renda total, ainda hoje, decorridos mais dois anos da ocorrência da febre aftosa, estes animais estão sendo criados exclusivamente para o consumo da família em muitas unidades de produção. A produção de hortifrutigranjeiros e outras atividades mais específicas no município encontram sérias limitações de mercado, em função do centro urbano ser pequeno, e caracterizado por pessoas que tem áreas no meio rural, e também pelas dificuldades de escoamento e distância dos mercados potenciais na região. Já a atividade

leiteira apesar de fortemente impactada ainda é tida, principalmente em sistemas que englobam unidades de produção com menor superfície de área como uma atividade com maior potencial de expansão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREATTA, T. Padrão e comportamento da mão-de-obra feminina na região atingida pela febre aftosa no município de Jóia/RS. In: VI CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA RURAL (ALASRU), nov 2002, Porto Alegre/RS, 13 p.

BELIK, Walter. e PAULILLO, Luiz Fernando. Mudanças no Financiamento da Produção Agrícola Brasileira. IN: POLÍTICAS PÚBLICAS E AGRICULTURA NO BRASIL. Leite, S (org), Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, p. 95-120, 2001.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Abastecimento – MAA. Emergência sanitária no Estado do Rio Grande do Sul: relatório sobre as ações executadas para eliminação dos focos de febre aftosa ocorridos no ano de 2000. Brasília: 2001, 63 p.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Emater. Relatório de Atividades EMATER/RS na Campanha de Combate à Febre Aftosa em Jóia. 2001. 06 p.

GEHLEN, Ivaldo (coord.) et al. Competitividade e identidade do produtor familiar de leite gaúcho face às inovações tecnológicas e organizativas na cadeia Láctea. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1999, (Relatório de Pesquisa), 52 p.

INCRA/FAO. Guia Metodológico: Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários. Convênio INCRA/FAO, Brasília: 1999, 65 p.

LIMA, A. J. P.; BASSO, N. NEUMANN, P. et. al. Administração da unidade de Produção Familiar: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995, 175 p.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE EPIZOOTIAS. Estatuto e Diretrizes Gerais. Disponível na internet: (http://www.oie.int/esp/OIE/es_embref.htm), Pesquisado em 22.12.2002.

PINHEIRO, Sérgio L. G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem hard-system para experiências com soft-system. IN: AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL. Porto Alegre: v. 1, n 2, abril/junho, 2000.

RUCKERT, Aldomar Arnaldo. As transformações da Agropecuária e a Produção do Espaço de um Município Rural no Centro do Espaço Rio-Grandense: o Caso de Jóia-RS. Rio Claro: Departamento de Planejamento Regional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, 1985, Relatório Parcial de Especialização, 116 p.